

## TRADUÇÃO

Abril de 2002

### AOS LÍDERES RELIGIOSOS DO MUNDO

O legado duradouro do século vinte é ter ele obrigado os povos do mundo a começarem a se ver mutuamente como membros de uma única raça humana, e a terra como a sua pátria comum. Apesar da persistência do conflito e da violência que obscurecem o horizonte, preconceitos que noutros tempos pareciam inerentes à natureza da espécie humana estão, em todas as partes, cedendo terreno. Caem junto com eles barreiras que há muito dividiam a família humana numa Babel de incoerentes identidades de origem cultural, nacional ou étnica. O fato de que uma mudança tão fundamental tenha ocorrido num período tão curto—virtualmente da noite para o dia numa perspectiva de tempo histórico—aponta para a magnitude das possibilidades que o futuro reserva.

Tragicamente, a religião organizada, cuja própria razão de ser acarreta necessariamente o serviço à causa da fraternidade e da paz, comporta-se com demasiada freqüência como um dos mais formidáveis obstáculos neste caminho; para citar um fato particularmente doloroso: é de longa data que ela empresta sua credibilidade ao fanatismo. Nós, como conselho governante de uma das religiões mundiais, sentimos a responsabilidade de encorajar um sério exame dos desafios que isso impõe à liderança religiosa. Tanto esta questão quanto as circunstâncias por ela geradas exigem que falemos com toda franqueza. Estamos confiantes de que o serviço comum ao que é Divino garantirá que nossas palavras sejam recebidas no mesmo espírito de boa-vontade com que são expressas.

A questão fica muito clara quando se considera tudo o que foi alcançado em outras áreas. No passado, fora algumas exceções isoladas, as mulheres eram consideradas uma espécie inferior e sua natureza era cercada de superstições; era-lhes negada a oportunidade para expressar as potencialidades do espírito humano, sendo relegadas ao papel de atender às necessidades dos homens. É claro que ainda existem muitas sociedades onde tais condições persistem e são até mesmo fanaticamente defendidas. Mas, ao nível do discurso global, o conceito da igualdade dos sexos, para todos os efeitos práticos, já assumiu a força de um princípio universalmente aceito. Também desfruta de autoridade semelhante entre a maior parte da comunidade acadêmica e dos meios de comunicação. Tão profunda foi esta revisão de conceitos que os expoentes da supremacia masculina se vêem obrigados a buscar apoio entre aqueles que se encontram nos limites da opinião socialmente responsável.

Os batalhões sitiados do nacionalismo enfrentam um destino semelhante. Com cada nova crise nos assuntos mundiais, torna-se mais fácil para os cidadãos distinguir entre o amor pátrio que enriquece a vida das pessoas e a submissão à retórica inflamatória destinada a provocar ódio e medo dos demais. Mesmo onde é recomendável participar nos ritos nacionalistas tradicionais, a reação pública é tão freqüentemente marcada por sentimentos de constrangimento quanto pelas fortes convicções e fácil entusiasmo de outros tempos. Este efeito foi reforçado pela reestruturação firmemente em curso na ordem internacional. Independente das limitações do sistema das Nações Unidas em sua presente configuração, e não importando quão prejudicada sua habilidade para tomar ação militar coletiva contra a agressão, ninguém pode deixar de reconhecer o fato de que o fetiche da soberania nacional absoluta ruma para a extinção.

Os preconceitos raciais e étnicos foram, de modo igual, tratados sumariamente por processos históricos que não têm mais quase nenhuma paciência para com tais pretensões. Neste campo, a rejeição do passado foi especialmente decisiva. O racismo hoje se vê de tal modo marcado por sua associação com os horrores ocorridos no século vinte que chega a ser visto como uma espécie de enfermidade espiritual. Embora sobreviva como uma atitude social em muitas partes do mundo—e como uma chaga na vida de um significativo segmento da humanidade—o preconceito racial tornou-se tão universalmente condenado em princípio, que nenhum conjunto de pessoas pode mais se identificar com ele em segurança.

Isso não significa que um passado obscuro tenha sido apagado e um novo mundo de luz tenha subitamente nascido. Vastos contingentes de pessoas continuam a suportar os efeitos de arraigados preconceitos de etnia, gênero, nação, casta e classe. Tudo indica que tais injustiças continuarão por muito tempo, uma vez que as instituições e os padrões que a humanidade está a desenvolver apenas muito lentamente se capacitam a construir uma nova ordem de relações e a trazer alívio para os oprimidos. O ponto, entretanto, é que se ultrapassou uma fronteira da qual não há nenhuma possibilidade verossímil de retorno. Princípios fundamentais foram identificados, articulados e amplamente divulgados, e estão se encarnando progressivamente em instituições capazes de impô-los ao comportamento coletivo. Não há dúvidas de que, não importa quão demorada e dolorida a luta, o resultado revolucionará os relacionamentos entre todos os povos nas bases da sociedade.

\*

Ao despontar o século vinte, o preconceito que mais do que qualquer outro parecia destinado a sucumbir às forças de mudança era o de religião. No Ocidente, os avanços científicos já haviam golpeado de modo inclemente alguns dos pilares centrais da exclusividade sectária. No contexto da transformação que ocorria na concepção da humanidade sobre si mesma, o mais novo e promissor desenvolvimento no campo da

religião parecia ser o movimento inter-religioso. Em 1893 a Exposição Mundial Americana surpreendeu até mesmo seus ambiciosos organizadores ao gerar o famoso “Parlamento das Religiões”, uma visão de consenso moral e espiritual que conquistou a imaginação popular em todos os continentes e logrou eclipsar até mesmo as maravilhas científicas, tecnológicas e comerciais que a Exposição celebrava.

Em resumo: parecia que antigas muralhas haviam caído. Influentes pensadores no campo da religião consideraram a reunião como algo inigualável, “sem precedentes na história do mundo”. O Parlamento, conforme expressou seu ilustre organizador principal, havia “libertado o mundo da intolerância”. Na ocasião, previa-se com toda a confiança que uma liderança criativa haveria de aproveitar a oportunidade para despertar nas comunidades religiosas do mundo, há muito divididas, um espírito de irmandade que pudesse prover o necessário suporte moral para o novo mundo de prosperidade e progresso. Com este encorajamento, movimentos inter-religiosos de todo tipo fincaram raízes e floresceram. Uma vasta literatura, disponível em muitas línguas, apresentava a um público cada vez mais numeroso, tanto de crentes quanto de descrentes, os ensinamentos de todas as principais crenças, e esse interesse, no devido tempo, foi incorporado pelo rádio, televisão, cinema e, finalmente, pela Internet. Instituições de nível superior implantaram cursos de graduação voltados para o estudo de religião comparada. Ao se encerrar o século, cultos inter-religiosos, impensáveis algumas décadas antes, estavam se tornando comuns.

Lamentavelmente, é evidente que tais iniciativas carecem tanto de coerência intelectual quanto de comprometimento espiritual. Em contraste com os processos de unificação que estão transformando as demais relações sociais humanas, a proposta de que todas as grandes religiões do mundo são igualmente válidas em sua natureza e origem continua sendo teimosamente rejeitada por entrincheirados padrões de pensamento sectário. O avanço da integração racial é uma evolução que não pode ser vista meramente como uma expressão de sentimentalismo ou estratégia, mas nasce do reconhecimento de que os povos da terra constituem uma única espécie cujas muitas variâncias não conferem, por si só, nenhuma vantagem, como não impõem nenhuma situação desvantajosa às pessoas de cada raça. A emancipação das mulheres, da mesma forma, pressupõe a disposição tanto das instituições sociais quanto da opinião pública de reconhecer que não há bases aceitáveis—de natureza biológica, social ou moral—para justificar que se neguem às mulheres a plena igualdade com os homens e, às meninas, oportunidades educacionais iguais às dos meninos. Tampouco o reconhecimento das contribuições que algumas nações estão dando para o ordenamento de uma nascente civilização global oferece apoio à ilusão, passada por herança, de que outras nações tenham pouco ou nada a contribuir para tal conquista.

As lideranças religiosas parecem, na sua maioria, incapazes de adotar uma mudança de postura tão elementar. Outros segmentos da sociedade acolhem as implicações da unidade da humanidade—não apenas como o próximo passo inevitável no avanço da civilização, mas como a frutificação de todo tipo de identidade mais restrita que nossa

espécie trouxe até este momento crítico de nossa história coletiva. No entanto, a maior parte da religião organizada permanece paralisada no limiar do futuro, aferrada àqueles mesmos dogmas e pretensões de acesso privilegiado à verdade que foram responsáveis por alguns dos mais amargos conflitos que dividem os habitantes da terra.

As conseqüências, em termos de bem-estar humano, foram ruinosas. Certamente não é necessário citar em detalhes os horrores que hoje se abatem sobre populações desafortunadas devido às explosões de fanatismo que envergonham o nome da religião. Tampouco é este um fenômeno recente. Para citar apenas um dentre muitos exemplos, as guerras religiosas da Europa durante o século dezesseis roubaram a vida de cerca de trinta por cento de sua população total. É de se ponderar qual terá sido a colheita, a longo prazo, das sementes plantadas na consciência popular pelas forças cegas do dogmatismo sectário que inspirou tais conflitos.

A este balanço precisa ser acrescentada a traição à vida da mente, a qual, mais do que qualquer outro fator, privou a religião da capacidade que ela inerentemente possui de desempenhar um papel decisivo na definição dos assuntos do mundo. Confinados na preocupação com assuntos que dispersam e corrompem as energias humanas, as instituições religiosas foram demasiadas vezes os principais agentes a desencorajar a exploração da realidade e o exercício daquelas faculdades intelectuais pelas quais a humanidade se distingue. A condenação do materialismo e do terrorismo em nada contribui para enfrentar a presente crise moral se não começar pelo exame sincero da omissão de responsabilidade que deixou massas de crentes expostas e vulneráveis a estas influências.

Tais reflexões, não importa quão dolorosas, representam mais um resgate do poder inigualável que a religião organizada representa do que uma acusação contra ela. A religião, como estamos todos conscientes, toca as raízes da motivação. Sempre que foi fiel ao espírito e ao exemplo daqueles Personagens transcendentais que legaram ao mundo os grandes sistemas de crença, ela despertou em populações inteiras capacidades de amor, perdão, criatividade, audácia, superação de preconceitos, sacrifício pelo bem comum e disciplina dos impulsos do instinto animal. Inquestionavelmente, a força seminal por trás do refinamento da natureza humana tem sido a influência da sucessão dessas Manifestações de Deus que remonta aos primórdios da história registrada.

Esta mesma força, que atuou com tanta eficácia noutras eras, permanece um traço imorredouro da consciência humana. Contra todos os revezes e com quase nenhum encorajamento significativo, ela continua a amparar a luta pela sobrevivência de incontáveis milhões, e a manifestar, em todas as terras, heróis e santos cujas vidas são a mais convincente demonstração dos princípios contidos nas escrituras de suas respectivas crenças. Como o decorrer da civilização bem demonstra, a religião também tem a capacidade de influenciar profundamente a estrutura das relações sociais. De fato, seria difícil pensar em qualquer avanço significativo na civilização que não tenha recebido seu

impulso moral desta fonte perene. Seria concebível, portanto, que a entrada no estágio culminante do processo milenar de organização do planeta se desse num vácuo espiritual? Se nada mais restou das ideologias perversas que se espalharam em nosso mundo durante o século recém findo, ao menos elas demonstraram conclusivamente que a dificuldade não pode ser resolvida por alternativas que estejam dentro dos poderes da criação humana.

\*

As implicações disto para os dias atuais são resumidas por Bahá'u'lláh em palavras escritas há mais de um século, e desde então amplamente disseminadas:

Não pode haver dúvida alguma de que os povos do mundo, de qualquer raça ou religião que sejam, derivam sua inspiração de uma só Fonte Celestial e são súditos de um só Deus. A diferença entre os preceitos sob os quais vivem deve ser atribuída aos vários requisitos e exigências da época em que foram revelados. Todos eles, excetuando-se apenas alguns poucos que resultam da perversidade humana, foram ordenados por Deus e são um reflexo de Sua Vontade e Seu Propósito. Levantai-vos e, armados com o poder da fé, demoli os deuses de vossas vãs imaginações, semeadores que são de dissensões entre vós. Aderi àquilo que vos aproxime uns dos outros e vos una.

Este apelo não requer o abandono da crença nas verdades fundamentais de nenhum dos grandes sistemas de fé do mundo. Muito pelo contrário. A fé tem seu próprio imperativo e é a sua própria justificação. O que os demais acreditam—ou não acreditam—não pode ser fonte de autoridade para nenhuma consciência pessoal digna de ser assim chamada. O que as palavras acima inequivocamente demandam é a renúncia a todas as pretensões de algo ser exclusivo e final, pretensões essas que, ao enredarem suas raízes na vida do espírito, foram a causa isolada mais importante no sufocamento dos impulsos para a unidade e na promoção do ódio e da violência.

Acreditamos que é a este desafio histórico que os líderes da religião precisam responder para que a liderança religiosa tenha sentido na sociedade global que está emergindo das experiências transformadoras do século vinte. É evidente que contingentes cada vez mais numerosos de pessoas estão se apercebendo de que a verdade que fundamenta todas as religiões é em essência uma só. Este reconhecimento não nasce da resolução de disputas teológicas, mas de uma percepção intuitiva que emerge de um convívio cada vez mais amplo com os outros e de uma aceitação nascente da unicidade da própria família humana. Do tumulto das doutrinas, rituais e códigos religiosos herdados de mundos já desaparecidos está a emergir uma percepção de que a vida espiritual—da mesma forma que a unicidade expressada através das diversas nacionalidades, raças e culturas—constitui uma realidade irrestrita, igualmente acessível a todos. Para que esta percepção difusa e ainda incerta se consolide e contribua efetivamente para a construção de um mundo

pacífico, ela precisa receber a confirmação convicta daqueles nos quais, mesmo nesta hora tardia, vastos contingentes da população humana buscam guia.

É claro que há grandes diferenças entre as principais tradições religiosas do mundo no tocante a preceitos sociais e formas de adoração. Nem poderia ser diferente, se levarmos em conta os milhares de anos durante os quais as sucessivas revelações do Divino atenderam às necessidades cambiantes de uma civilização em constante desenvolvimento. Na verdade, uma característica inerente às escrituras sagradas da maioria das grandes religiões parece ser a expressão, de uma forma ou outra, do princípio da natureza evolutiva da religião. O que não se pode justificar moralmente é a manipulação de legados culturais, que eram destinados a enriquecer a experiência espiritual, como um instrumento para gerar preconceito e alienação. A principal incumbência da alma humana sempre será a investigação da realidade, e então viver de acordo com as verdades das quais se convenceu e respeitar plenamente os esforços alheios no mesmo sentido.

Pode-se objetar que, se todas as grandes religiões forem aceitas como tendo a mesma origem divina, a conseqüência seria encorajar, ou, pelo menos, facilitar, a conversão de muitas pessoas de uma religião a outra. Quer seja isso verdade ou não, seguramente é de importância secundária quando se está ante a oportunidade que finalmente a história oferece aos que estão conscientes de um mundo que transcende este mundo terreno—e ante a responsabilidade que esta consciência impõe. Cada uma das grandes fés pode apresentar testemunhos notáveis e dignos de crédito quanto à sua eficácia para nutrir a moralidade do caráter. De modo similar, ninguém poderia defender convincentemente a idéia de que as doutrinas associadas a um determinado sistema de crença tenham gerado mais ou menos intolerância e superstição do que aquelas associadas a outro sistema qualquer. Num mundo que se está integrando, é natural que padrões de reação e associação sofram um contínuo processo de mudança, e o papel das instituições, de qualquer natureza, seguramente é ponderar como tais circunstâncias podem ser administradas de um modo que promova a unidade. A garantia de que o resultado, ao final, será positivo, tanto espiritual quanto social e moralmente, jaz na fé inquebrantável das massas da humanidade—massas essas jamais ouvidas—de que o universo é regido não pelo capricho humano, mas por uma amorosa e infalível Providência.

Junto com a desintegração das barreiras que separam os povos, nossa era testemunha a queda de um muro antes intransponível, um muro que o passado pensava que para sempre separaria a vida no Céu da vida na Terra. As escrituras sagradas de todas as religiões sempre ensinaram seus seguidores a verem o serviço ao próximo não apenas como um dever moral, mas como um caminho para a aproximação da alma a Deus. Hoje, a reestruturação progressiva da sociedade coloca novas dimensões de significado sobre este ensinamento tão familiar. À medida que a antiga promessa de um mundo movido por princípios de justiça lentamente toma a forma de uma meta realística, a atenção às

necessidades da alma e a atenção às necessidades da sociedade cada vez mais passarão a ser consideradas como aspectos recíprocos de uma vida espiritual madura.

Para que a liderança religiosa possa erguer-se às alturas do desafio que esta última percepção impõe, sua reação precisa começar pelo reconhecimento de que a religião e a ciência são os dois indispensáveis sistemas de conhecimento através dos quais se desenvolvem as potencialidades da consciência. Longe de estarem em conflito mútuo, estes dois modos essenciais através dos quais a mente investiga a realidade são mutuamente dependentes e têm sido mais produtivos naqueles raros mas felizes períodos da história quando sua natureza complementar foi reconhecida e lhes foi permitido trabalhar em conjunto. As percepções e habilidades geradas pelo avanço científico terão sempre que buscar a guia do comprometimento moral e espiritual para garantir sua adequada aplicação; as convicções religiosas, não importa quão acarinhadas, precisam submeter-se, de boa vontade e com gratidão, à verificação imparcial através de métodos científicos.

Chegamos afinal a um assunto que precisamos abordar com certa hesitação, já que ele se refere mais diretamente a uma questão de consciência. Entre as muitas tentações que o mundo oferece, o teste que, não surpreendentemente, tem preocupado os líderes religiosos é o de exercer poder sobre assuntos de fé. Ninguém que tenha dedicado longos anos ao estudo e meditação zelosos das escrituras de uma ou outra das grandes religiões precisará ser novamente lembrado do tão repetido axioma que alerta para o fato de que o poder pode corromper, e que pode corromper mais à medida em que este poder se torna maior. As vitórias íntimas silenciosamente conquistadas por inumeráveis sacerdotes ao longo de todas as eras têm sido, sem dúvida, uma das principais fontes da força criativa das religiões organizadas e devem ser contadas entre suas mais elevadas distinções. De modo igual, o abandono à sedução do poder e dos benefícios mundanos, por parte de outros líderes religiosos, cultivou um terreno fértil para o crescimento do cinismo, da corrupção e da desesperança entre os que testemunhavam tais posturas. Não é necessário tecer comentários a respeito dos efeitos disso sobre a habilidade das lideranças religiosas para cumprirem sua responsabilidade social nesta altura da história.

\*

Por se preocupar com o enobrecimento do caráter e a harmonização das relações, a religião sempre serviu, ao longo da história, como a autoridade definitiva para dar sentido à vida. Em todas as eras, a religião cultivou o bem, reprovou o mal e apresentou, para todos os que estavam dispostos a enxergar, uma visão de potencialidades ainda por alcançar. De seus conselhos, a alma racional recebeu encorajamento para alcançar sua plenitude e superar os limites impostos pelo mundo. Ao mesmo tempo, como o nome revela, a religião tem sido a principal força a unir os diversos povos em sociedades cada vez mais amplas e complexas, através das quais as capacidades individuais assim liberadas se podem expressar. A grande vantagem da era atual é a perspectiva que torna possível à inteira

espécie humana visualizar este processo civilizatório como um único fenômeno: o sempre renovado encontro entre o nosso mundo e o mundo de Deus.

Inspirada por esta perspectiva, a comunidade bahá'í tem sido uma vigorosa promotora das atividades inter-religiosas desde o seu nascimento. Além dos relacionamentos valiosos que tais atividades promovem, os bahá'ís vêm no esforço de aproximação das diversas religiões uma resposta à Vontade Divina para uma humanidade que está ingressando na sua maturidade coletiva. Os membros de nossa comunidade continuarão a ajudar de todas as maneiras ao nosso alcance. Mas devemos a nossos parceiros neste esforço conjunto a asserção clara de nossa convicção: para que o diálogo inter-religioso possa contribuir de modo significativo para a cura dos males que afligem uma humanidade desesperada, ele precisa agora enfrentar com honestidade e sem mais subterfúgios à toda-abrangente verdade que trouxe o movimento à luz—que Deus é um só, e que, por detrás de toda a diversidade das múltiplas expressões culturais e interpretações humanas, a religião também é uma só.

A cada dia que passa cresce o perigo de que os fogos crescentes do preconceito religioso venham a provocar uma conflagração mundial cujas conseqüências são inimagináveis. É um perigo que o governo civil não pode enfrentar sozinho. Tampouco nos deveríamos iludir de que apelos pela tolerância mútua possam, por si só, extinguir as animosidades que reivindicam contar com a sanção divina. A crise exige da liderança religiosa uma ruptura com o passado tão decisiva quanto aquelas que abriram o caminho para que a sociedade resolvesse os preconceitos igualmente corrosivos de raça, gênero e nacionalidade. Qualquer exercício de influência em questões de consciência somente se justifica no serviço ao bem-estar da humanidade. Neste mais decisivo momento da história da civilização, as exigências deste serviço não poderiam estar mais claras. “O bem-estar da humanidade, sua paz e segurança, são irrealizáveis”, exorta Bahá'u'lláh, “a não ser que, primeiro, se estabeleça firmemente a sua unidade”.

A CASA UNIVERSAL DE JUSTIÇA